

REDAÇÃO

Neocolonialismo

É inegável a grandeza brasileira. Brasil, o florão da América, país rico e (na medida do possível) poderoso, detentor de grande autoridade no continente e uma referência entre os chamados países emergentes. Irônico, contudo, que o país esteja em parição tão prestigiosa graças ao sofrimento e segregação pelos quais tantos homens e mulheres viveram e morreram.

Logo no período de colonização de território brasileiro um grupo já se fazia presente: eram os escravos (africanos ou indígenas), cuja mão-de-obra tornou viável o estabelecimento da Colônia e sua manutenção econômica. Homens e mulheres usados e vendidos como objeto, sem direitos ou amparo de nenhuma espécie, deram seu sangue (por vezes literalmente) pelos senhores de engenhos portugueses.

A escravidão perdurou até os dias do Império, quando os escravos foram lançados à guerra do Paraguai para lutar uma batalha que não era sua. Enfim, uma análise do passado mostra que os escravos foram a base de sustentação do Brasil; nos campos, nas cidades e até nos campos de batalhas (Caxias que o diga).

Tudo isso deixou resquícios. As marcas desse passado cruel estão expressos hoje no preconceito racial, na segregação sócio-espacial (pois os escravos iniciaram o povoamento de muitas favelas), e tantos outros fatores.

Por outro lado, com um estranho tributo (ou lembrete da importância desse grupo segregado), há traços dos povos que foram, um dia, escravos na sociedade: A cultura africana e indígena se faz presente no povo, assim como sua herança genética.

Assim, explica-se a fundação e manutenção do Brasil sobre os braços escravizados. O resultado é triste: O país não reconhece por completo que, sem o esforço desmedido dessa gente, não poderia ter sido o que é, e ainda subjuga a base de sua pirâmide social.

Isso tudo não passa de um mero neocolonialismo.